

24-04-2019

**O degredado (1ª parte)****Leila Uruhay Grienz**

[Psicóloga Social. Radialista]

Em primeiro lugar quero me desculpar com aqueles que leram, por descuido ou desaviso, as minhas duas colunas anteriores. Confesso que quando o Tom me colocou a par desse simpático circuito, eu pensava em escrever algo mais técnico, digamos assim, sobre os temas propostos. Derrapei, pois caí nas malhas das lembranças do meu avô Gringo e da minha avó Schatzi (que significa algo como meu tesouro em alemão), o apelido dado a ela por meu avô. Desvios de minha formação original (Psicologia), depois eu descobri, levaram-me a eles porque no meu inconsciente estavam estampadas três palavras: TRABALHO-INJUSTIÇA-INDIGNAÇÃO. E escrever sobre o leque de opções que nomeia a Coluna passaria obrigatoriamente por essas palavras. Ou seja, passaria por meus avós. Pois bem, desculpas pedidas, agora peço licença. Para continuar com eles. Tenho feito um esforço muito grande p'ra mergulhar num passado de mais de 40 anos. Mas isso tem me dado prazer, apesar das imagens borradas e as palavras soltadas. A última conversa com Schatzi, antes de ir para Floripa, em 1978, de certo modo direcionou minhas escolhas de vida, principalmente a profissional. Já na Faculdade, em 1979, a Lei da Anistia foi muito discutida entre o nosso grupo de amigas que nos intitulávamos "As Ripongas". Andávamos juntas, éramos mesmo meio *hippies* e quando os garotos começaram a nos zoar, assumimos oficialmente o codinome do grupo. O filme *Hair*, de Milos Forman, lançado em '79 nos deu notoriedade. Ripongas assumidas. No início, nós, meninas de 17, 18 anos achávamos graça e sempre juntas tínhamos uma força a que os garotos não estavam acostumados. Sempre mantinham uma certa distância em matéria de paquera. Acho que era de tanto levarem fora. Mas um deles, Élvio, muito tímido, me despertou um interesse que eu não sabia explicar. Só posso dizer que não era interesse de namoro, era uma vontade de conhecê-lo, apenas isso. Nossa primeira conversa foi na frente do Diretório Acadêmico que estava sendo reativado. Diziam que os tempos estavam mudando (para melhor). Como hoje dizem que os tempos estão mudando (para pior). Nada aconteceu de interessante naquela primeira conversa. Mas eu não desisti do que eu não sabia explicar naquele menino tímido de 18, 19 anos? Curiosamente, deveríamos ter a mesma idade. Menina, eu? Não me achava. Mulher, mais apropriadamente, mesmo ostentando uma coisa que já vinha sendo muito questionada entre as Ripongas: a virgindade. Todavia, Élvio não me despertava instintos deflagradores.

Eu, como falei, não sabia explicar. Conversa p'ra lá e p'ra cá, saiu: "*sou de Porecatu, no Paraná*", ele falou. '**E eu de Indaial**', falei. Porecatu? Porecatu? Eu lembrava que já havia ouvido falar dessa cidade. Mas, minha cabeça (e as das Ripongas) estava muito ocupada com Pink Floyd e seu disco novo *The wall* que provocou uma verdadeira revolução na UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]. Continuei com Porecatu na cabeça e tentei falar de Pink Floyd. Mas Élvio não conhecia. A aula de História da Psicologia me chamou e Élvio ao se despedir fez um gesto muito estranho: beijou minha mão. Estranho para uma riponga, mas bonitinho para uma menina de Indaial. Porecatu... Freud... Porecatu... Jung... Porecatu... Erikson... Depois da aula fui p'ra biblioteca. No caminho, bingo! Porecatu foi a cidade para onde os amigos de meu avô, o Gringo, tinham ido voar como passarinhos - Zil e Antonio Silveira -. Nem entrei na Biblioteca. Fui procurar o Élvio. Precisava dar uma desculpa, para não parecer que eu estava apaixonada, até porque não estava mesmo. '**Oi, Élvio, fiquei muito curiosa. Foi a primeira vez que eu vi alguém beijar a mão de alguém que não seja padre.**' "*Aprendi com meu avô Aldeziel.*" Fiquei arrepiada. Um tsunami de sensações me acometeu. Mas a principal delas é que eu compreendi por que o Élvio me despertava um interesse que eu não sabia explicar. E aí, ele emendou: "*Meu avô era muito educado. Minha avó reclamava que achava ele educado demais, pois beijava a mão de todas as mulheres. Eu achava engraçado, mas depois peguei o vício. Mas sua educação não evitou que ele fosse um degredado. Ele teve que sair do Brasil com a ditadura de '64.*" Élvio parou, seus olhos pararam. Um bem-te-vi cantou bem perto. Ele ficou olhando aquele pássaro, como se soubesse das histórias de meu avô. Fiquei arrepiada de novo. E esperei que ele continuasse, pois eu sabia que ele ainda ia falar alguma coisa. Esperei. "*Ele morreu, logo agora que ele ia voltar p'ro Brasil, com a Lei da Anistia.*" No longo silêncio que se seguiu, pensei o tanto que Élvio devia amar seu avô, que nunca mais havia visto, quanto eu amava o meu Gringo, que ainda estava vivo. Afinal, o Zil ensinou seu neto a beijar a mão das mulheres. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*